

UF PUCAMP

II

Universidade e Compromisso Popular

*TRANSCRIÇÃO DO SEMINÁRIO
COORDENADO PELO PROF. PAULO FREIRE*

CAMPINAS, 25 DE MARÇO DE 1987

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Administração Superior

É exercida pela Sociedade Campineira de Educação e Instrução, cujo Presidente é o Sr. Dom Gilberto Pereira Lopes, Arcebispo Metropolitano de Campinas.

Administração-Geral

É exercida pela Reitoria, pelo Conselho Universitário e pela Assembléia Universitária.

Administração Especial

É exercida pela Direção de cada Unidade Universitária.

GRÃO-CHANCELER

Dom Gilberto Pereira Lopes

MAGNÍFICO REITOR

Prof. Eduardo José Pereira Coelho

VICE-REITOR PARA ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS

Prof. Antonio José de Pinho

VICE-REITOR PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS

Prof. Paulo de Tarso Barbosa Duarte

UNIVERSIDADE E COMPROMISSO POPULAR - II

ÍNDICE GERAL

1. APRESENTAÇÃO	3
<i>Eduardo José Pereira Coelho</i>	
2. ABERTURA	5
<i>Maria Soares de Camargo</i>	
3. APRESENTAÇÃO DO TEMA	9
<i>Paulo Freire</i>	
4. RELATO DOS GRUPOS DE TRABALHO	12
5. DISCUSSÃO EM PLENÁRIO	22
5.1. Esclarecimento:	
<i>A relação Universidade/Cidade</i>	
<i>Universitária/Cidade</i>	36
<i>Márcio D'Olne Campos</i>	
6. ENCERRAMENTO	52

ABERTURA

Maria Soares de Camargo

Assessora de Serviços Comunitários da PUCCAMP

Deveríamos iniciar este seminário com a fala do Reitor da PUCCAMP. Porém, como hoje é um dia excepcional, um dia de paralisação, e o Reitor ainda não chegou, supomos que ele esteja ocupado com problemas políticos... Portanto, pensamos que é melhor começar sem ele, pois afinal, vocês vieram, uma vez que tínhamos marcado este encontro desde dezembro do ano passado.

O Professor Paulo Freire não tem muito tempo disponível, já vai viajar de novo na próxima sexta-feira. Considerando que o encontro estava marcado há tanto tempo, e que nem sempre temos a oportunidade de conversar com Paulo Freire, resolvemos manter a atividade, apesar da paralisação, principalmente por não ser uma atividade regular. Ninguém que está aqui teve que assinar ponto, nem vai ter presença, é uma atividade meio alternativa... Consideramos ainda que os professores estão parados para discutir a Universidade na nossa conjuntura atual, e por acaso, ou por coincidência, este é também o tema deste seminário: vamos aqui discutir a Universidade.

Não queríamos também interromper a linha de seminários que começamos em 1986, quando Paulo Freire começou a assessorar a PUCCAMP. Aqueles que vieram em 20 de agosto de 1986 lembram-se que várias questões importantes ficaram no ar, faltando um aprofundamento. Todo aquele seminário foi gravado e transcrito. Estamos com quase todo material pronto, trouxe até a capa como "prova" para ver que realmente existirá a publicação "Universidade e Compromisso Popular". Estão faltando ape-

nas cinco páginas para serem revistas, o mais já está pronto para ser mandado para a gráfica.

Paulo Freire

Consultor da PUCAMP

Eu é que estou atrasando a correção...

Maria Soares

Vamos ficar cobrando... Mas também levamos em consideração circunstâncias da vida pessoal do Paulo; todos estão sabendo da morte da Elza Freire... Imaginamos o que isso significa na vida dele, portanto, vamos continuar esperando as correções do texto.

Bem, estamos nos propondo hoje a continuar aquela discussão! Procuramos sintetizar a questão central em duas páginas, que vão ser distribuídas para todos. Nestas páginas, temos o eixo central do nosso seminário.

Propomos que vocês leiam o texto e as duas perguntas que seguem, discutindo-as em grupo. Por que, se viemos cá somente para ouvir o Paulo Freire falar, só para isso, a gente até poderia comprar seus livros... Mas não foi apenas para isso, e sim para que ele ajude a nossa reflexão comum. Conseguimos ir até certo ponto, mas depois fica quase impossível continuar aprofundando sem um aporte de fora, um contributo maior que nos faça ver mais claramente a situação global e também a nossa caminhada específica enquanto PUCAMP.

Como dinâmica, nossa proposta é que a gente siga o texto, leia em grupo e procure responder às perguntas. Embora sejamos hoje pouco numerosos,

parece-me que depois, publicando o seminário e jogando-o para a Universidade toda, poderá significar um passo a mais. Após o trabalho de grupo voltaremos para discutir, entre nós e com o Paulo Freire, as questões refletidas, procurando chegar ao nosso limite máximo de hoje.

Temos qui, além dos alunos e professores da PUCAMP, duas diretoras que vieram da Universidade Estadual de Londrina; da UNICAMP vieram o Márcio Campos, do Observatório a Olho Nú, e a Zilda Santesso, Orientadora do Serviço de Apoio ao Estudante. Paulo, você gostaria de dizer alguma coisa?

Paulo Freire

Gostaria simplesmente de reenfatizar a questão que Maria sugeriu sobre a paralisação. Quero dizer que sou cem por cento por esta paralisação. Estamos aqui não porque pretendemos furar a paralisação, pelo contrário. Achamos, porém, que o que fazemos no momento, enquanto reflexão crítica sobre a Universidade, em nada desajuda quem agora, lutando não só por seus interesses legítimos, defende também a continuidade de um trabalho sério nesta Casa.

APRESENTAÇÃO DO TEMA

Maria Soares

Quanto ao texto que está sendo distribuído, é preciso dizer que é um recorte de uma transcrição de dezenove páginas, portanto, pode estar um pouco desconexo, mas a linha central parece fácil de ser captada, está inclusive sublinhada.

Com relação às duas perguntas, é importante que cada um se inclua enquanto aluno ou enquanto professor ou enquanto diretor, que veja concretamente o que está fazendo, ou poderá fazer, ou poderá propor que seja feito.

Voces acham bom fazer uma leitura em conjunto antes da divisão em grupos?

Paulo Freire

Eu vou ler...

"Creio que é fundamental entender criticamente o que queremos dizer quando falamos no processo de a Universidade se aproximar das classes populares. Fundamentalmente aproximar-se aqui significa *compromisso de classe*, significa estar a serviço dos interesses populares. No aproximar-se não existe um "sine qua" geográfico, físico. O que quero dizer é que uma Universidade pode revelar um sério empenho em favor dos interesses populares, no campo da pesquisa, por exemplo, sem estar indo à periferia da cidade. Por outro lado, pode estar constantemente mandando seus professores às áreas populares de forma tão paternalista, tão burocraticamente cumpridora de prazos para estágio, que são distorcidamente se pode dizer dela que se aproxima do povo.

A Universidade, no fundo, tem de girar em torno de duas preocupações fundamentais, de que se derivam outras, e que tem que ver com o *ciclo do conhecimento*. Este, por sua vez, tem apenas dois momentos que se relacionam permanentemente: um é o momento em que *conhecemos o conhecimento existente*, produzido; outro, o em que *produzimos o novo conhecimento*. Ainda que insista na impossibilidade de separarmos mecanicamente um momento do outro, ainda que enfatize que são momentos de um mesmo ciclo, me parece importante salientar que o momento em que conhecemos o conhecimento existente é preponderantemente o da *docência*, o de ensinar e aprender, e o outro, o da produção do novo conhecimento, é preponderantemente o da *pesquisa*. Na verdade, porém, toda docência implica pesquisa e toda pesquisa implica docência. Não há docência verdadeira em cujo processo não se encontre a pesquisa como pergunta, como indagação, como curiosidade, criatividade, assim como não há pesquisa em cujo andamento necessariamente não se aprenda, porque se conhece.

O papel da Universidade, seja ela progressista ou conservadora, é viver, com seriedade, os momentos deste ciclo.

Não tenho dúvida nenhuma de que quando pensamos em termos críticos, em Universidade e Povo, de modo algum estamos admitindo que a Universidade deva fechar as portas a qualquer preocupação rigorosa que deva ter com relação à pesquisa e à docência. Não faz parte da natureza de sua relação ou de seu compromisso com as classes populares a sua falta de rigor, sua incompetência. O que se quer é *diminuir a distância entre a Universidade ou o que se faz nela e as classes populares*, mas sem a perda da seriedade e do rigor. Sem negligenciar diante do dever de ensinar.

Em torno da Universidade progressista e Povo, tendo em vista os dois momentos do ciclo de conhecimento e a responsabilidade que deve ter a Universidade em face deles, quero dizer que as *classes populares têm dois direitos básicos*: o direito de *conhecer melhor o que já sabem*, em razão de sua própria prática, e o direito de participar, de algum modo, do processo de produção do conhecimento novo.

O direito de conhecer melhor o que já sabem tem que ver com a escola pública mais competente, mais eficiente, quer dizer, tem que ver com uma séria educação popular pondo-se em prática, ao nível das crianças e dos adultos. Tem que ver com campanhas concretas de alfabetização de adultos, que não fiquem girando em torno dos ba-be-bi-bo-bu. Conhecer melhor implica, na verdade, que as classes populares vão ultrapassando o saber apenas de "experiência feito", ultrapassando o saber ao nível do senso comum. Professores e estudantes de uma Universidade progressista têm aí um campo enorme de trabalho em que as atividades a realizar em nada sacrificam a rigorosidade acadêmica, pelo contrário, ampliam os horizontes de quem nelas se envolve!"

Acho que o texto está excelente, até o final do ano estará pronto o texto inteiro, mas nessas páginas acredito que este conteúdo está completo. A gora, a Maria elaborou duas questões: 1º) O que é compromisso popular? Em que momento da sua atividade de docente/discente você se acha comprometendo-se? 2º) A Universidade existe em função do ensino do conhecimento já elaborado e da produção do conhecimento. Como nós, da PUCCAMP, nos situamos nesses dois momentos?

RELATO DOS GRUPOS DE TRABALHO

GRUPO I

Relatora: *Kátia Scomparin*

Estudante de Pedagogia da UNICAMP

Na primeira questão, o compromisso popular se dá por uma opção de classe onde é buscada a aproximação e integração entre a Universidade e as Organizações Populares, tentando romper as estruturas que existem na Universidade, romper os espaços físicos também, utilizando-se de certas brechas...

Maria Soares

Se alguém tiver alguma dúvida com relação aos relatórios, pode perguntar à vontade. Gostaria de perguntar ao grupo: quando vocês dizem que estão se comprometendo com as organizações populares, fazem isso enquanto alunos, enquanto professores, ou enquanto cidadãos? E quando dizem rompendo as estruturas, quais estruturas? Porque, senão, a gente sai mais um vez com generalidades, chavões...

Kátia

Acho que a nível de engajamento, como cidadãos, e com relação à essas estruturas, é a relação de poder mesmo, o poder da Universidade, relação de querer passar aquilo que é favorável para mostrar essa face da Universidade.

Márcio D'Olne de Campos

*Professor do Instituto de Física da UNICAMP
Diretor do Observatório a Olho Nu*

Consideremos a nossa condição de cidadãos comuns inseridos no campus universitário, local onde passamos grande parte do nosso tempo. Estranhamente, para a ação política, é frequente o esquecimento desse como espaço de atuação, em benefício de espaços exteriores como por exemplo as *periferias*, genuínos locais de atuação que junto com a cidade propriamente dita, se separam cada vez mais do próprio campus, contraditoriamente chamado de cidade universitária. Com isso aparecem aqui diferentes conceitos de cidade que merecem alguma reflexão: Vale a pena manter esta separação? O popular é o que é externo ao campus? Nós somos cidadãos (povo) da cidade grande, onde o campus é inserido, ou nós somos cidadãos somente da cidade universitária? Nesse sentido, qual seria o papel do "cidadão" da cidade universitária em relação ao seu grupo restrito, enquanto cidadão da cidade propriamente dita? Devemos atuar só na periferia ou na cidade que inclui o campus como parte dela?

Kátia

Então, acho que podemos passar para a outra pergunta... Nós discutimos bastante a questão de poder dentro da Universidade e a questão do conhecimento. O que se ensina, como se passa isso, tudo está visando realmente o interesse de continuar essa relação de poder. Não tem tanto o objetivo de transformação, é mais para manter essa relação de poder se desvinculando da classe popular. Serão as discussões amplas e o trabalho conjunto com as organizações populares que transformarão a Universidade, não apenas as suas reflexões e trabalhos internos.

Maura Athayde

Acadêmica da Fac. Arquitetura e Urbanismo - PUCAMP

A Universidade mantém um conhecimento e não admite de certo modo questionamento desse conhecimento. Essa noção do poder do conhecimento na Universidade aparece como absoluto. Cada pessoa tem conhecimento próprio e quando a gente vai para um movimento popular pessoalmente parece que é barrado, parece que o conhecimento da Universidade é superior ao conhecimento de qualquer coisa.

GRUPO II

*Relator: Jonas Beltrão de Oliveira
Acadêmico de Teologia da PUCAMP e
Agente de Pastoral*

Optamos relacionar o que foi colocado na primeira questão e que voltou um pouco na segunda. A questão do compromisso com as organizações que vêm contribuindo com o avanço das classes populares, sobretudo aquelas organizações que têm peso, que representam a força das classes populares. Foi colocado nesta segunda questão que este compromisso não está somente ao nível das bases internas da Universidade, mas também a partir das mudanças propostas pelas bases dessas forças populares da sociedade, essas forças que representam o avanço nas classes populares. Essas forças populares propondo, no decorrer da sua prática, uma mudança até mesmo a nível de estrutura interna da Universidade, um pouco essa opção classista que se coloca.

Essas bases são as bases de organização popular, sindicatos, organizações maiores, por exemplo a CUT. Essas organizações têm peso, respaldo no compromisso popular, interferindo na própria estruturação interna da Universidade, enquanto produtora de conhecimento, enquanto aquela que também ensina o conhecimento conhecido.

GRUPO III

*Relator: Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
Acadêmico de Teologia da PUCAMP e
Agente de Pastoral*

Nosso grupo entendeu que compromisso popular da Universidade é o momento em que o saber científico se coloca a serviço das classes populares, sempre tendo como perspectiva a realidade das classes populares, sendo que a partir daí se tem implícita também a perspectiva da transformação da sociedade como um todo, buscando a igualdade de direitos.

Também foi citado algo de muito peculiar: o compromisso popular da Universidade se dá numa coerência entre seu trabalho e também a realidade material das classes subalternas, ou seja, é preciso levar sempre em consideração as condições de vida do próprio povo, e a partir daí, dentro da sala de aula, buscar, no ponto de vista dos professores, uma interação com os alunos na linha sempre desse compromisso com as classes populares. É uma busca constante que, com a habilidade do serviço comunitário, pode avançar mais.

Maria Soares

Pergunto o que vocês entenderam por "compromisso popular" e também por "serviço comunitário".

Paulo Sérgio

Nosso grupo entendeu que não é somente na periferia, ou seja, é preciso que, a partir da realidade das classes populares, haja procura da transformação da Universidade. Esses serviços comunitários fazem este compromisso com as classes populares dentro e fora da Universidade.

Maria Helena de Barros Salek
 Professora da Faculdade de Educação da PUCAMP

Esclarecendo ainda pelo grupo, a questão que foi colocada é que aquilo que se faz em sala de aula já é, na medida do possível, educação popular. Na medida em que o professor está trabalhando com o aluno essa questão de educação popular, não deve se esgotar apenas na prática de sala de aula. Realmente a produção do conhecimento, a renovação do conhecimento, se dá também na busca do trabalho efetivo, de se colocar realmente trabalhando com a comunidade. Então, não se dá essa educação popular apenas quando a gente vai para a periferia, mas essa educação popular se realiza também na docência, na relação professor-aluno, em sala de aula.

Paulo Sérgio

Bom, na segunda pergunta entramos diretamente na questão da PUCAMP. Esta se situa nesses dois momentos: na busca da utilização da técnica, na elaboração de novos projetos pedagógicos, e também em programas comunitários que estejam a serviço da sociedade, a partir da produção de conhecimentos que estejam em concordância com as classes populares, conforme a primeira questão, de modo que se beneficie a sociedade como um todo.

Por outro lado, é preciso saber lidar com a estrutura da Universidade relacionando-a com a da sociedade. Como a sociedade é produto das transformações sociais, ela nos traz enormes dificuldades para que a produção de conhecimentos seja de conhecimentos transformadores, em favor da classe popular.

Agora, por outro lado também, nós entendemos que a Universidade como portadora do saber científico, deve buscar constantemente uma coope-

ração com a sociedade a partir da opção classista, ou seja, a partir da opção pelas classes populares.

Maria Helena M. Duarte
 Psicóloga

A nossa preocupação seria discutir com o Prof. Paulo Freire a possibilidade de produzir conhecimento dentro deste sistema que aí está, mas de maneira que não se deixe de produzir com as classes populares. O sistema que está aí não pode ser um fator negativo a tal ponto que impeça completamente a produção deste conhecimento.

GRUPO IV

Relatora: Carmem Cecília de Campos Iavras
 Professora do Departamento de Medicina Social e membro da Assessoria de Planejamento da PUCAMP

Nosso trabalho de grupo foi guiado um pouco pela curiosidade da própria experiência, pois dele participaram duas colegas de Londrina, Vera e Ana.

Vou tentar colocar aqui o que a gente conseguiu sintetizar de toda nossa conversa, que se interrompeu só porque o tempo acabou, e com muita liberdade, para que o próprio grupo colabore, se achar necessário.

Resolvemos a segunda questão no sentido de partir da experiência que cada um vem desempenhando para chegar numa questão teórica a respeito do entendimento do "compromisso popular".

O compromisso se faz através de todas as práticas que podem ser desenvolvidas dentro da U-

niversidade, no sentido do encaminhamento para uma sociedade mais humana, mais justa e mais digna.

No texto que nos foi dado como base para a discussão, o compromisso político aparece como de classe, mas não chegamos a aprofundar esta questão.

No texto também aparece uma colocação do Prof. Paulo Freire em cima de dois momentos da Universidade. Vimos que os dois momentos na verdade representam três práticas, a nosso ver práticas indissociáveis, a docência, a pesquisa e a extensão.

A extensão não deve ser entendida como serviço. Serviço é uma das formas de trabalho.

Tentamos levantar como através dessas três práticas se dá o compromisso popular, embora a maioria dos relatos tenha se limitado a descrições de serviços ou ainda de estágios. Chegamos a uma primeira conclusão: o compromisso popular não se dá somente em cima do contato direto com a população de periferia, *ele deve se dar em todas as práticas da Universidade, desde as mais teóricas até às mais práticas.*

Esse compromisso também se dá na relação direta com as organizações populares: através do aprofundamento teórico dos problemas apresentados por essas organizações ou através da vivência conjunta de alguma prática. Acharmos que esse é um compromisso que a Universidade tem que assumir, não de uma forma paternalista, como muitas vezes assumimos, mas como um compromisso da Universidade enquanto instituição social que tem como função principal a produção de conhecimento. E essa produção não é só produção do conhecimento novo, mas é também redimensionamento do conhecimento já existente; isso é função, obrigação e responsabilidade da Universidade.

No segundo momento fizemos quase um levantamento dos problemas que interferem no desenvolvimento desse compromisso, os problemas vividos dentro da nossa Universidade, mas acredito que não são da nossa Universidade. Seria a questão do *espírito de competição*, que é próprio da sociedade capitalista em todos os seus momentos e que permeia também a Universidade.

Outro dado seria que a própria questão da organização católica da Universidade. Aqui já foi feita uma colocação interessante, sobre a cidade universitária. Mas não é só isso, acho que internamente vivemos muito isso, essa limitação dentro da Universidade: são quase feudos que se formam..

Segundo, seria a própria *estrutura de poder na Universidade*. É uma estrutura sem a participação de todos aqueles que vivem a Universidade. Nesse sentido, a primeira questão seria a chance de quem entra na Universidade, qual clientela está conseguindo chegar até aqui. Acho que a questão do poder tem esses dois enfoques.

Um outro dado que foi levantado é que dentro de todas estas práticas há um grande *desprezo da questão afetiva*, da questão emocional, em função do cognitivo. Isso é uma coisa que dentro de qualquer relação teria que ser bem trabalhada, também receber a mesma prioridade.

Existe finalmente a questão da *competência docente*. O docente só pode desempenhar sua função à medida em que consiga incorporar uma visão crítica sobre sua prática. Para isso é importante que além dos conhecimentos acadêmicos, próprios de sua área de conhecimento, ele entenda seu papel enquanto educador e o papel social da instituição a que está vinculado.

Bem, aí perguntamos o seguinte: o que seria

um projeto de uma Universidade que quer se comprometer com os anseios populares, qual seria o projeto da PUCAMP?

Nossa Universidade vive hoje um importante momento no redimensionamento de suas práticas. Nosso projeto não está sendo construído com alta tecnologia ou com equipamentos sofisticados, já que não dispomos disso. Nem tampouco está sendo guiado por interesses empresariais, já que isso compromete nossos anseios.

Penso que aí se coloca uma questão de desafio para todos nós; um desafio que começa nesse seminário, ou melhor, já começou no anterior e continua aqui... É tentar consolidar um projeto em cima das contradições internas que a gente vive, as contradições que a gente vem carregando historicamente, as contradições que fazem parte da conjuntura política educacional brasileira hoje. Em cima destas condições a gente tem que consolidar um projeto, um projeto que leve em conta esse compromisso importante, o compromisso com as classes populares; um projeto que vai se viabilizar em cima da mudança curricular, é fundamental que esteja vinculado a currículo; em cima de novas práticas de extensão; em cima do redimensionamento dos serviços.

GRUPO V

Relatora: Ana Maria Duarte do V. Gomes
Pós-graduada em Filosofia da Educação
da PUCAMP

No nosso grupo, vimos que as experiências têm muito a ver com o trabalho existente, de busca duma participação maior entre a Universidade e o seu compromisso popular.

Estou na PUCAMP estudando e, como estudante, a minha prática, o exercício da fala, está muito curta. Nesse aspecto, não vou responder à segunda questão, mas não quero dizer que o grupo não possa falar...

Então, o que é compromisso popular? Nós discutimos muito em cima de experiências de cada um e a conclusão que a gente chegou é que compromisso popular, acima de tudo é *compromisso político*, é uma opção de classe, realmente.

Daí, partindo para o reconhecimento da sociedade de classes, à medida em que você faz a opção de classe, você vai delinear e definir de que lado você está, a favor de quem você vai caminhar na sua prática de educação. O compromisso popular para a gente é isso, é uma opção política, uma opção sua partindo do reconhecimento que você faz da realidade. É um compromisso de classe, com a classe menos favorecida, ou seja, com aquela classe que não está aqui, que não tem acesso à Universidade.

Em que momento da sua atividade docente/disciplinante você se acha comprometendo-se? Exatamente naquele momento em que você começa a pôr na prática, ou você, consigo mesmo, em relação ao compromisso primeiro... Eu acho que isso é a coerência exata, quando você começa a pôr a mão na massa e tem que se associar à uma práxis realmente comprometida.

DISCUSSÃO EM PLENÁRIO

Márcio

Ao refletir sobre esse compromisso popular, entendendo-o como um compromisso com o povo na sua conceituação mais abrangente. Além disso, a minha preocupação concentra-se aqui em com a Universidade deve se aproximar da população dentro desse compromisso. Em geral, para explicitar engajamento, temos o hábito de demarcar exageradamente o conceito de povo fazendo com que uma atuação local em área restrita da sociedade satisfaça nossas próprias expectativas de engajamento.

Na Universidade é muito comum ouvirmos uma afirmação anteceder qualquer fala sobre educação como se fosse um cartão de visita: "Educar é um ato político" Paulo Freire diz isso e pode dizê-lo com toda a propriedade; muita gente usa como in-trôito a discursos de pedagogos pseudo-engajado que nada mais são do que um repertório de impasses para que não se ponha a mão na massa, atenuando assim a capacidade de ser implicitamente político na própria área de competência.

Quando nós associamos o popular ao compromisso, deveríamos assumir que antes de mais nada, compromisso é compromisso conosco mesmo na nossa inserção social. É necessário reconhecermos primeiro a nós mesmos em nossos referenciais para podermos saber, dentro do contexto em que vivemos, como estabelecer compromisso no diálogo com todas as camadas da população. Não devemos caracterizar o povo como sendo só quem vive na periferia da cidade. Existe aí um compromisso que deve ser assumido sistematicamente por nós enquanto acadêmicos, cidadãos e portanto parte do povo. Devemos permanentemente ter esse compromisso com a própria vi-

da.

Quanto à primeira pergunta do segundo item: "Em que momento de sua atividade docente/discente você se acha comprometendo-se", se nós formos comprometidos, teremos que nos sentir comprometendo nos a qualquer momento da atividade docente/discente ou de pesquisador, mesmo quando estamos sentados diante de um livro ou discutindo numa sala da Universidade. Esse compromisso se faz na vivência cotidiana, se ele não for definido por aí, temos que recorrer a vários momentos longe do local de trabalho e citar nossas referências à periferia que funciona muitas vezes como provedora de boa consciência.

Alguma confusão também se faz ao atribuir-se uma abrangência de representatividade que na realidade as entidades populares não poderiam suportar.

Difícil é acreditar que a entidade poderia ser tranquilamente representativa do que estaria pensando o povo. Esse pensamento tem duas vertentes: por um lado a individual e por outro a social que é em grande parte consequência da primeira na dialética reflexão/atuação. A vertente social não se explicita totalmente na ideologia da entidade que tem algo análogo ao pensamento acadêmico. A academia já separa tanto pensamento em "quarteirões"! Porque então enquadrar em exagero o povo nos quarteirões de pensamentos da entidade? O centralismo beira frequentemente o autoritarismo sob a chancela da representatividade popular. Insisto no respeito a individualidade respeitada no engajamento como consequência primordial do compromisso individual e social puro e simples onde quer que estejamos.

Maria Soares

Márcio, só queria esclarecer que não nos preocupamos em conceituar "povo" ou "popular" porque havíamos convencido, no seminário anterior, por indicação do próprio Paulo Freire, que povo é aquele que não se pergunta: "quem é povo?" Portanto, não estamos no geral, num compromisso conosco mesmo ou com a vida, mas realmente nos referimos ao compromisso com o povo, com a maioria imensa da população, com gente que não tem acesso a seminários como este.

Paulo Freire

Queria comentar a primeira fala do Márcio em torno da compreensão das duas cidades: a cidade universitária e a cidade maior, a sociedade maior, a sociedade global de que a cidade universitária faz parte.

Neste sentido te digo: essa reflexão tua exige de nós uma compreensão também crítica entre prática e teoria, entre ensinar e aprender.

No momento em que a gente "vive" exclusivamente na cidade universitária, rompe a relação indissolúvel entre a atividade docente e a de pesquisa, dentro da Universidade, e o "quefazer" maior, o "quefazer" da prática social. Então a gente corre o risco de virar apenas cidadão da "urbes" da Universidade e se tornar intelectualista, teoricista, verbalista, arrogante, academicamente arrogante. Achei ótima tua observação, não há como dicotomizar estas duas cidades, elas são uma cidade só, por isto diante delas não há como assumir uma posição excludente.

No momento em que digo: estou a um passo da cidade universitária, mas sou um homem quase exclusivamente do mundo popular, da outra cidade, a

cho que caio em reducionismo, me torno basista e, assim, só reconheço a verdade nas bases populares e na prática. O teórico acadêmico que "vive" nas duas cidades, que entende a contradição entre ambas, ora é minimizado pelo basista, ora pelo "intelectualista bla-bla-blante".

A compreensão das relações entre as cidades não é estritamente filosófica, nem pedagógica. Não depende apenas da lucidez do sujeito que compreende de as duas cidades, mas depende da opção política com que se trabalham estas duas cidades. Esta forma de trabalhar, em última análise, tem que ver com a condição de classe que temos. Por isto mesmo, não me é possível entender as relações entre estas cidades, se não compreendo os interesses que permeiam a própria Universidade. A cidade universitária não é uma sombra, não é um mancha, não é uma branquitude que transmite pureza.

A cidade universitária tem opção, tem preferências, e isso depende da política geral que orienta e determina a política educacional de que a cidade universitária faz parte. É importante saber que mesmo que haja uma política marcando a cidade universitária, e que dentro dela há uma certa orientação estabelecida, há também nela um conjunto de contradições que são representadas por funcionários, professores, diretores, estudantes.

A Universidade de fato não é neutra, uma, pura, e nós dentro dela, optamos por isso ou por aquilo. Há aqueles e aquelas que gostariam que a Universidade fosse aparentemente neutra para servir seus interesses que são de classe. Há aqueles e aquelas que fazem uma opção de classe. Neste sentido é que usei "povo" num seminário anterior.

Povo, o que não é sujeito neste país. Não é ele quem define a realidade, que aparece sempre como interessa à classe dominante. Só quando há

uma catástrofe é que as televisões, de modo geral, dão espaço a alguém como Povo. O Povo aparece também como sustento, ameaça, como mostraram agora, invadindo terras.

E por que o Povo invadiu terras? Invadiu não é propriamente o verbo. O povo simplesmente ocupou um espaço que lhe negaram. Não há tempo, nem este é o objeto imediato de nosso encontro, para responder a mim mesmo, amplamente. De qualquer maneira, podemos pensar que um quarto de cortiço que custava duzentos cruzeiros se aluga agora por dois mil cruzados. Como pagar tal aluguel ganhando Cz\$ 1.300 de salário mínimo?

Este é o caso de uma das senhoras que foram entrevistadas numa reportagem de televisão:

"-Eu ganho um salário mínimo, meu filho um salário mínimo, dois juntado, não dá, fomos parar na rua! Eu saí, mas não pago mais terra nenhuma."

É lógico, acho que uma Universidade que optou pelo povo tem que estar pensando e discutindo e trabalhando com vistas a isso. Quero dizer, professor de medicina, professor de física, professor de biologia que não é capaz de compreender, de aproveitar inclusive um momento como este para, na sua própria aula, fazer referência ligada ao aspecto da sua disciplina, ou tem medo de contagiar sua cientificidade ou não tem competência para descobrir na vida diária, no fato diário, uma relação, por mínima que seja, com sua ciência.

Nunca me esqueço, por exemplo, dos cursos de física do Márcio na UNICAMP. Toda vez pensava em ser ouvinte, só que não dava tempo. Ele sugeria aos estudantes, no começo do semestre, que usassem o fim de semana para ir a uma certa área aí do lado, para lidar com o povo. Afinal, o que

é que o Povo entendia por tempo? Os estudantes se entusiasmavam e passavam o fim de semana todo entrevistando gente, conversando. Traziam depois o senso comum, o "saber de experiência feito" do povo. Márcio montava, em cima deste saber, a compreensão rigorosa e científica do senso comum. Quer dizer, isso para mim é fazer educação popular numa pós-graduação de Física.

Márcio

O Professor me ensinou a lidar com o tema gerador, hein!

Paulo Freire

Pois é, inclusive o uso desse conceito do tema gerador que o Márcio faz depois, e faz além de mim, acho excelente. Fazendo para a capacitação de educadores de classes de primeiro grau.... Acho que fazer ciência é isso, é aproveitar um momento de meu achado e dizer: "Puxa, mas não basta!" Foi o que eu vi, vi muita coisa mas tu viste mais, quero dizer, essa é que é a historicidade do conhecimento, é que ele nunca está feito, nunca, é processo sempre. E foi nele que foste além de mim

Agora, gostaria de focar a excelente análise feita pela Carminha... Tu foste ótima expositora da discussão do grupo!

Acho que, no fundo, fizeste uma espécie de síntese didática do que de modo geral apareceu aqui. Trabalho intelectual é isso, tem coisa vantajosa, porque ele vai se armando, chega um momento em que uma pessoa com um pouco de talento dá um estalo, faz a síntese didática, quer dizer, ela vem pronta, clara, quase, apesar de muito democrática, sem admitir que ninguém pergunte nada, vem prontinha!

Apenas te estimularia um pouco a que tomasse um ponto ou outro, desta necessidade de encaminhar a Universidade com vistas à opção de que falamos. Queria que tu tomasse um ponto ou dois como *exemplo de uma nova política* que estivesse coerente com um problema, com um projeto deste, e possivelmente o Márcio ou Paulo de Tarso também pudessem fazê-lo, e que provocassem um pouco mais os grupos aqui presentes e os relatores. Acho que o Márcio pode dizer algo mais também da reflexão dele em relação a essas duas cidades. Acho que tu és um dos habitantes da cidade universitária que não renega esta cidade universitária, mas permite perfeitamente que ela não te baste, porque não pode bastar a ninguém que seja lúcido.

Carmen

Voce está me propondo para ver se a gente abre a discussão não é?

Paulo Freire

Isso.

Carmen

O que eu posso colocar, até pelo fato de estar trabalhando aqui na Assessoria de Planejamento e no Departamento de Medicina Social, é o seguinte: em termos de conjuntura política educacional brasileira, vejo duas questões. A primeira, a identidade da própria Universidade brasileira que hoje está sendo discutida e esta é uma grande discussão; a segunda, a nossa própria identidade enquanto Igreja Católica. Penso que este aspecto de certa forma foi respondido, pois na hora que se discute compromisso popular, a identidade católi-

ca está presente. Seria fundamental se conseguíssemos realizar uma análise da Universidade brasileira em seus aspectos históricos-estruturais, mas para isso seriam necessários vários seminários...

Agora, quanto à questão das contradições in ternas, qualquer pessoa aqui presente tem a mesma condição de colocar do que eu. Todo mundo aqui vi ve essas contradições, as contradições de uma Uni versidade particular, as contradições de uma Uni versidade que está hoje em greve por uma questão salarial... a questão da Universidade que cresceu num momento da política educacional brasilei ra que privilegiou o empresariamento da educação...

O nosso crescimento foi nessa década, e tem muitos cursos que até hoje respondem simplesmente a esse interesse, que não pensaram em termos de seu próprio projeto pedagógico. A contradição tam bém de uma Universidade que pensou seriamente no projeto pedagógico há quatro anos atrás e que hoje repensa esse projeto. Então, essas são as gran des contradições que a gente tem que trabalhar.

Penso que deve haver, a nível de Universida de, uma linha mestra que mostre este crescimento. Não acho que isso deva ser feito a nível de unida de acadêmica, de departamento. A preocupação atual, a nível de Reitoria, é a construção de um pro jeto que guie o desenvolvimento da extensão, da pesquisa, e dos serviços, mas não guiar no sentido de enfiar uma carapuça, massificar, mas de dar subsídios para que essas práticas se desenvolvam. Então, como você pediu um exemplo claro, vou tentar colocar claramente como está se desenvolvendo na área da saúde, a área que eu mais vivencio. Mas penso que poderemos extrapolar para outras ãreas a partir desse exemplo.

Não, um pouco antes disso, acho que todo

mundo sabe que foi realizado um diagnóstico no ano de 1986, em cima de como estão sendo desenvolvidos os projetos pedagógicos de cada unidade. Es se foi um processo que ofereceu muitos dados para a Reitoria, assim como a própria implantação da Carreira Docente através dos projetos que chegaram, dos contatos que tivemos oportunidade de ter com todos os professores indistintamente, e que se constituíram num outro instrumento de diagnóstico. A partir desse diagnóstico se caminha para a definição de grandes linhas de atuação desta Universidade.

Voltando agora para exemplificar com a área de saúde, vou colocar o caso do curso de Medicina: o curso de Medicina tem que ser reestruturado em cima de reforma curricular mesmo. Aí tem aquela história, "mas a legislação deixa, não deixa?" Isso é uma coisa que a gente tem que ter clareza, como foi colocado pelo Professor, é saber trabalhar as contradições. É nossa intenção formar um profissional competente, que tenha até condições de ser especialista, se ele quiser se especializar em coisas distintas, mas que tenha crítica em cima da sua parte profissional, que consiga ser um bom médico, que consiga entender a sociedade capitalista em que vive, trabalhar na questão da melhoria do sistema de saúde da população, deve ser competente para pensar sobre índices de saúde, para propor alternativas, acho que esta é uma grande função da Universidade.

Hoje, quem pensa alternativas de políticas sociais aqui entre a gente? Acho que a Universidade, no caso da PUCAMP, tem esse grande espaço por que nessa linha não precisamos de grandes equipamentos. Acho que é possível pensar as políticas sociais hoje, quer dizer, pensar sempre foi dever da Universidade.

Na área de saúde, hoje as Secretarias de Saúde dos municípios, as Secretarias de Saúde estaduais, solicitam auxílio à Universidade, que não tem resposta. Toda a organização do setor de saúde saiu fora da Universidade. Não estou defendendo que seja uma grande mudança, mas é um avanço e fetivo em termos de reorganização e de possibilidade de acesso aos serviços de saúde como um direito do cidadão.

Toda essa proposta da reforma sanitária o próprio nome já diz, reforma sanitária, a reorganização do serviço para tentar dar o atendimento, a cobertura do serviço de saúde para a população, não vai pelo assistencialismo, o pessoal precisa atendimento médico e a gente tem que dar atendimento médico. Agora, não acho que a Universidade tem que dar, pois a função da Universidade não é prestação de serviços, ela pode até prestar, se isso for importante para sua produção de conhecimento, para sua docência. Agora, é função da Universidade pensar se este serviço é adequado ou não, propor alternativas para ser utilizados nesses serviços, propor planejamento de saúde, fazer diagnósticos... Isso é válido também para a educação, válido com relação às outras Secretarias de Estado.

Vejo aí um grande campo de atuação da Universidade, não só na questão da saúde, que apenas é uma delas.

Vejo de imediato a questão da educação, da saúde e habitação... a gente pode ter núcleos, a gente tem pessoas que constituiriam núcleos geradores e aí sim, a nossa prática começa a mudar... é um ir e vir, não é só uma questão de você mudar e começar a produzir para fora, mas ao produzir para fora, ao tentar analisar, você também está mudando sua prática docente.

Paulo de Tarso, talvez você queira colocar mais alguma coisa?

Paulo de Tarso Barbosa Duarte
Vice-Reitor Acadêmico da PUCCAMP

A Caminha consegue colocar as coisas de forma transparente... Mas, na verdade, o que talvez pudéssemos, não digo acrescentar, mas, por ao lado do que ela disse, não é senão aquilo que ela mesma tem dito em outros momentos, a nível de assessoramento.

De fato, está nos parecendo, e isso é apenas uma nebulosa linha no horizonte, está nos parecendo que, assim como não conseguiremos modificar nossa visão teórica, a não ser a partir de uma reflexão sobre a nossa prática, que nos leve a outros momentos de atuação prática, *uma reorientação da Universidade também não conseguirá acontecer, se a Universidade não se revolucionar com o tempo, modestamente embora; não se trata de emprender grandes reformas.*

Mas, temos que ter - e nisso acho que estamos aproveitando suas contribuições, Paulo Freire - é a idéia do tema gerador.

Essa idéia do tema gerador está nos levando a pensar que há *algumas áreas de necessidade social bem características*, que podem funcionar como temas geradores da *reformulação da prática da Universidade* e, a partir da reformulação da prática do cotidiano da Universidade, a *reformulação estrutural* da atual Universidade.

Se pensamos hoje - é apenas uma idéia - se pensamos hoje que um órgão estrutural da Universidade, um pouco mais avançado, talvez seja o centro, que agrupa em função de áreas de conhecimento, teremos um grande Centro de Ciências da Saúde,

um grande Centro de Ciências Humanas, um grande Centro de Ciências Exatas. Mas, ainda estamos tomando conhecimento teórico como critério de organização da Universidade, tal como se faz no nível do departamento. Departamento é uma estrutura em que se agrupam disciplinas afins, ou seja, recortes do conhecimento, postos uns ao lado dos outros. Em vez de trabalhar com essa idéia de dividir o saber, vamos dividir as *necessidades sociais* e, em função delas, *reorganizar a estrutura de dispensação e produção do saber.*

Talvez daqui a muitos anos à frente, nós não tenhamos mais um Centro de Ciências Humanas, mas um Centro de Estudos da Saúde, englobando tudo quanto seja necessário para responder aos desafios de políticas sociais de saúde. Então, em vez de um Centro de Ciências Exatas, poderemos ter um Centro de Estudos da Habitação, é outra proposta..

Paulo Freire

Preocupados com o tema gerador, chegam ao tema norteador... Exato.

Paulo de Tarso

Isso é muito Caminha, Paulo Freire, é Maria Nilde...

De modo que, se pensamos que esse pode ser um rumo, e o seminário tem essa função - perguntar aos colegas aqui reunidos, se isso pode ser um plano comum - vamos ter que trabalhar muito nessa direção.

Sabemos que essa é apenas uma meta. Agora há o que fazer, logo amanhã cedo... tentar agrupar essas pessoas, que têm de algum modo procurado responder a esses desafios concretos... verificar o

que acontece, quando essas pessoas são efetivamente postas num trabalho comum...

Não é um trabalho só das pessoas que têm a missão institucional da docência ou da pesquisa, mas também das pessoas de fora da Universidade, que têm caminhado junto nesse trabalho. Já se falou de algumas *organizações populares*, que têm de *estar junto* nisto, para que não se percam os dois momentos do processo.

Só estava querendo generalizar a colocação da Carmen. Ela colocou a idéia das políticas sociais, e as políticas sociais devem responder adequadamente às necessidades sociais, é evidente. E, de fato, por coincidência ou não, na nossa PUCAMP temos as pessoas mais preocupadas, e definitivamente mais comprometidas, com a descoberta de soluções adequadas para resolver problemas sociais; e elas se agrupam, como que naturalmente, na área da saúde, na área da educação e na área da habitação. São essas, também, as três grandes diretrizes de uma política nacional de governo: saúde, educação, habitação. Parece muito oportuno pensarmos nisso...

Claro que educação não é Faculdade de Educação, apenas; é justamente um ideal a perseguir, junto com todas as Unidades que se ocupam da educação formal e da educação não formal. Isso não se faz só no ambiente da Faculdade de Educação, embora deva fazer-se sob inspiração, apoio e incentivo da Faculdade de Educação.

Enfim, mais do que uma Unidade, mais do que um Centro, mais do que uma Universidade... é tudo isso, mas não é só isso.

Paulo Freire

Esta transformação, veja bem, só se acabará

um dia, quando a gente começou anteontem... Quer dizer, a gente tem de perceber que, afinal, as transformações profundas, radicais, e eu o disse na última parte da fala passada, as transformações radicais não existiriam, se elas não tivessem tido nada que ver com os fatos que se deram antes de elas ocorrerem; simplesmente não existiriam...

O que eu queria dizer é que as transformações radicais - e esta, de que vocês falaram, é uma delas... em primeiro lugar, são *históricas*; elas se dão *na história* e não *na cabeça* de quem trabalha. Pelo contrário, a cabeça dos agentes é refeita pelas transformações; quer dizer, *os agentes, ao fazerem, ao participarem da transformação radical, necessariamente se refazem.*

Em segundo lugar, toda transformação radical implica *mudanças pequenas*, que às vezes nem foram percebidas pelos agentes. Por isso é que digo que elas independem até da inteligência que delas têm os agentes. E a gente vê como há historicidade nisso; quer dizer, possivelmente, há cinco ou seis anos atrás, não se conseguiria falar no assunto, com pelo menos a claridade com que vocês falaram nisso. Não é que há cinco ou seis ou dez anos atrás as pessoas não podiam falar disso; é porque, historicamente, as coisas, mesmo que já em processo, não estavam ainda sendo destacadas, não estavam fáceis de serem destacadas. Na verdade, devemos tentar compreender nossa própria compreensão dos fatos, nossa prática no mundo, historicamente. Assim, percebermos a importância de pequenas ações quase sempre tidas como algo subestimável. Estou certo de que os esforços que vêm sendo realizados nesta Universidade fazem parte deste tipo de ação fundamental cuja importância precisa ser reconhecida e afirmada.

ESCLARECIMENTO: *A relação Universidade/Cidade
Universitária/Cidade*

Márcio

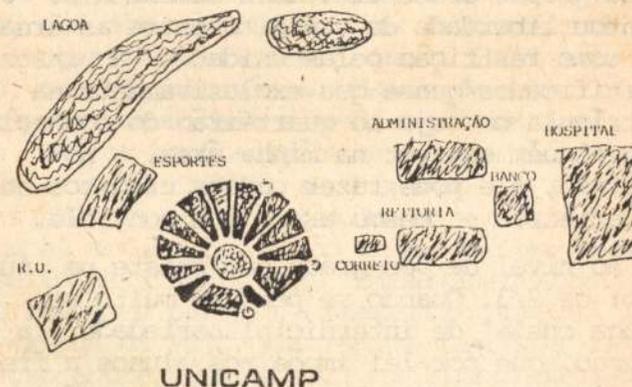
Após os comentários do Paulo Freire a respeito do pensamento sobre a cidade universitária, tenho a acrescentar algumas idéias geradas a partir de um levantamento sobre a relação universidade/cidade universitária/cidade. Esse trabalho foi realizado no ano passado quando ocupava a Assessoria de Extensão Universitária junto à Reitoria da UNICAMP. Alguns dos aspectos levantados nos ajudam a pensar a relação Universidade/Comunidade dentro da metáfora da cidade universitária considerada no espaço e tempo de uma cidade propriamente dita.

Considerando a cidade universitária da UNICAMP encontramos a distribuição espacial de seus setores como se fossem bairros formando "bairros" que se dividem em Reitoria, centro administrativo, hospital, centro dos cursos básicos, bairros correspondentes aos vários Institutos e Faculdades, Ginásio de Esportes e Centro de Convenções. Todos esses setores se distribuem em espaços relativamente independentes.

Como na cidade, ela possui uma série de serviços como banco, cantinas, restaurantes, administração, ensino, transportes, etc... O setor administrativo merece uma consideração especial. É muito grande a quantidade de pessoal administrativo em relação ao número de professores e alunos, imagino que devemos estar tendendo a uma relação de um para um entre alunos e pessoal técnico administrativo, o que é estranho numa época em que se fala de informática de "boca cheia". Isso se deve principalmente a uma tendência que vem sendo criticada, de que as instituições estatais devem suprir

a demanda de emprego em quantidade relegando a qualidade a um segundo plano. Nesse caso o grande desafio para a Universidade seria de fazer valer o seu papel de educadora na formação permanente desse pessoal. Ainda que não exista um Instituto de Administração porém um de Economia, essa já seria uma ocasião propícia para que se busque mais coerência na cidade universitária entre o ensinado e o praticado, que seria visto como decorrência da educação. Como educadores não podemos rejeitar a possibilidade de diálogo e construção de conhecimento numa autêntica educação permanente com quem trabalhamos a nível administrativo.

Examinemos agora a questão do espaço e para ilustrar melhor o que tenho a dizer aproveito o logotipo da UNICAMP, acrescentando esquematicamente alguns outros locais que ele não apresenta.



Alguns dos centros se encontram bastante separados do centro do logotipo, sendo um deles a própria administração cuja dissociação das atividades de pesquisa e ensino me referi há pouco. Veremos que esse "urbanismo" é um reflexo da ideologia e da atuação política constantes da proposta de re

forma universitária dos fins dos anos 70. A contestação por mais verbas e mais vagas foi atendida ilusoriamente. Mais verbas e mais vagas pedidas e atendidas com a instituição do curso básico, para que um professor se encarregue de trezentos alunos sob as mesmas condições anteriores: mesmas verbas, mesmo número de professores e somente um maior número de alunos. Cresceu um número real de vagas? Não. Um blefe total com o qual muitos se iludiram. Em que implicam essas questões sob o ponto de vista educacional? Áreas do conhecimento a serem percorridas radialmente pelos alunos na direção centro (básico) periferia (profissional) a partir do centro do logotipo é um dos centros da cidade universitária. Se esses alunos entrassem juntos, muito bem, mas se promoveu a separação sistemática dos mesmos, e para poder ainda manter o mesmo número de professores e mais vagas na mesma verba. Precavendo-se contra a contestação, a reforma propôs os certificados semestrais. O que aparentou liberdade de trânsito entre as áreas se impôs como restrição pelas unidades à inscrição em certificados quase que exclusivamente na área de matrícula ou seja no quarteirão do conhecimento. Se alguém estiver na minha área, no meu quarteirão, ele pode fazer poucos créditos no outro quarteirão e mesmo assim sob controle.

Ao nível de pós-graduação existe um número mágico: os 2/3. Quando se pensa e muito se fala "de boca cheia" de interdisciplinariedade, a pós-graduação, que por lei impõe aos alunos a frequência aos cursos na mesma área e na mesma Universidade, chega a reduzir as escolhas do aluno até mesmo a um só departamento, tornando a prática impossível a interdisciplinariedade. É aqui que por excesso de zelo e paternalismo o aluno é às vezes obrigado a completar 2/3 de crédito de pós-graduação no departamento em que se inscreveu. Assim ve-

jam a metáfora aparecendo, faz-se um curso básico e escolhe-se a profissão. A partir daí entra-se no molde que deve gerar um perfil idêntico a todos os que estudam naquele "quarteirão". Vendo o logotipo, você é projetado a partir do núcleo dos cursos básicos radialmente para o quarteirão da profissionalização ou da especialização em direção a pós-graduação para então transcender à comunidade local irradiando conhecimento para o Brasil e para o mundo, já que somos um centro de excelência na terminologia tipicamente desenvolvimentista no fim dos anos 60 aos anos 70. A solicitação acadêmica daquela época fazia com que se relegasse a um segundo plano a relação com a comunidade local, privilegiando temas que tivessem uma abrangência internacional para atender ao mercado de publicações ligado ao lema "publique ou pereça".

A comparação e a proximidade entre PUCC e a UNICAMP deve ser considerada. Falou-se aqui hoje: "Claro que nós não dispomos de laboratórios e de aparelhagens sofisticadas". Mas a PUCC, não dispondo, buscou, através de alguns de seus grupos, na própria comunidade a realização de seus anseios. Daí as contradições estão nas duas Universidades: uma (UNICAMP) se dispondo e a outra busca mas não tem como sistematizar e cumprir com seu papel acadêmico. Então esse tipo de associação se torna difícil pela compartimentação. Paulo de Tarso se referiu à compartimentação nos três campus da PUCC. Mas existe também a compartimentação entre PUCC-UNICAMP, vizinhas na mesma cidade! A Universidade é que deve se aproximar da comunidade? Muito bem, isso é o que ocorreu aqui. Mas ao lado disso foi feita uma crítica com relação à situação dela do ponto de vista acadêmico. A comunidade chega lá na UNICAMP? Talvez não. Uma das barreiras é a fama de boa Universidade com um bom conceito que se reflete no país todo.

Talvez a comunidade se comunique com a PUCC, mas através de atividades pelas quais vocês saem do campus em direção à comunidade. Esse vetor centrífugo não mais é aquele que se ligaria à formação dos graduando nos "quarteirões", mas um vetor de diálogo. A população ainda se inibe para vir ao campus usando nesse caso o vetor centrípeto. Provavelmente no dia em que o campus tomar características comparáveis à dinâmica da cidade isso se resolve. Além de pensarmos nas direções radiais tendo como base o plano urbanístico da UNICAMP, podemos agora considerar as possibilidades de circulação ou de composição das duas trajetórias num trajeto espiralado que se aproxima ou se afasta do centro. O que se afasta seria um caminho possível de um aluno buscando a interdisciplinariedade na circulação livre pelas "calçadas", "ruas" e "quarteirões" do conhecimento.

Gostaria de abordar alguns aspectos ligados aos problemas das áreas do conhecimento já mencionado. Acredito que a atual divisão em áreas que se mostra cada vez mais rígida e diversificada na gestão da educação em geral, tenha que ser revista na busca de alternativas futuras.

Do ponto de vista das relações e dos nossos anseios sociais, em geral não concordamos em função da área, nós concordamos quando diante ou com a comunidade, com a sociedade. Escolhemos para esse saber do ponto de vista de uma reflexão acadêmica via áreas? As áreas induzem cursos, cursos induzem programas de graduação e pós-graduação, é só pela área que o indivíduo unicamente vai escolher sua tese, o seu tema gerador que pouco se refere aos temas gerados na comunidade, na cidade. Então o tema gerador é algo que está além do que nós podemos sistematizar pela vivência, ou seja, o objeto de estudo nesse caso não

faz parte do contexto tido como mais amplo: o da sociedade, ele é apenas construção, quase arquétipo.

Na UNICAMP, um levantamento das exigências curriculares nas várias unidades e para os cursos de graduação nos mostrou aspectos importantes do distanciamento entre a formação do aluno e a realidade a ser experimentada após a formatura. Um dos problemas fundamentais é a grande compartimentação das áreas de conhecimento nas unidades e até mesmo departamentos, o que reforça a metáfora de cidade com seus "quarteirões" fechados.

Nos cursos de graduação existem diferentes categorias de disciplinas que compõem os programas mínimos exigidos assim como os eletivos que paternalistamente se distribuem em diversos blocos através dos quais impõem-se a obrigação de cursar disciplinas de determinados blocos. Daí o apelido oportuno dado pelos alunos de disciplinas eletórias. Essas regras tem se enrigecido de tal maneira que em alguns casos sobram uma ou duas disciplinas para o aluno eleger completamente livre de condições impostas durante todo o decorrer do seu curso.

Na graduação em Biologia, por exemplo, existe uma sequência de cursos do curriculum comum obrigatório, e existe um curso eletivo que não é associado ao Instituto de Biologia, mas sim à área vizinha, quase superposta, da Faculdade de Medicina. Isso se agrava se considerarmos que provavelmente setenta por cento dos biólogos formados em graduação vão ensinar ciências em geral no primeiro e segundo graus. Esta situação curricular é tal que torna absurda a adoção da metáfora da cidade. Verifica-se que quanto maior o número de distintas categorias de disciplinas expostas no catálogo de cursos, maior a abertura do curso

para outras áreas. O curso de Física exemplifica isso, além de exigir apenas vinte e sete créditos por semestre, graças a uma reforma interna de currículo que houve anos atrás. O fato é o seguinte: por mais que haja eletivas, a Universidade já se comporta de maneira extremamente paternalista normalizando as escolhas do aluno para que em cada quarteirão de conhecimento se forme um só perfil, mantendo assim o bom nome da unidade que vai liberar o formando para o mercado de trabalho. Pergunto: o mercado de trabalho demanda um só perfil? De jeito nenhum. Ao se formar, um aluno vai exercer sua individualidade quando, após cortar o cordão umbilical, ele procura encontrar-se e adaptar-se a algum perfil profissional da demanda, muitas vezes bem diferente daquele que a Universidade produziu. Por isso seria interessante trazer as temáticas externas para dentro da Universidade e procurar funcionar muito mais por temática do que por área. Esse é um dos meus sonhos. No contato há pouco tempo com o grupo "Educação 3º Mundo" de Frankfurt, pude perceber que eles criaram uma especialização nessa temática do 3º Mundo o que não é fácil e por isso mesmo ainda não conseguiram introduzi-la na Faculdade de Educação como uma pós-graduação temática. Acho que seria fundamental para nós lutarmos por possibilidade um mínimo de pós-graduações temáticas. Isso se relaciona com o tema gerador, com o interesse provocado num determinado grupo no sentido de solucionar um determinado problema real e refletir sobre ele a nível acadêmico. Por enquanto os assuntos são restritos academicamente aos padrões dos "quarteirões" e não aos padrões da realidade em que vivemos. Aos "quarteirões" tocam realidades extremamente recortadas, são construções acadêmicas. Na cidade universitária poderíamos pensar que o cidadão comum pode bater na porta do vizinho do mesmo quartei-

rão ou no outro para ser recebido ou não, dependendo do diálogo de cada um como ocorre na cidade. Na Universidade o ato de bater a porta do vizinho no quarteirão ao lado nem sempre é facilitado, pelo menos do ponto de vista formal. Vê-se que aquela circulação em espiral não existe. O trajeto centrípeto é o que existe, as vezes atendendo à comunidade. Da comunidade para dentro existe muito pouca chance de ocorrer. Mesmo porque, se o correr, esbarra nos impasses dessa cidade que se dá mal. O percurso será fatalmente o de um dos corredores dos quarteirões que desembocam no centro dos cursos básicos, ponto de partida, massificados e amorfo quanto à educação, à contestação e à participação, paradoxalmente consequência da contestação da Universidade dos anos 60.

Esses são alguns elementos de reflexão para essa questão do como agir e como pensar o que seria a nossa cidadania da cidade universitária, em relação à nossa cidadania da cidade propriamente dita. No dia em que nossa cidadania tender a ser uma só, teremos caminhado muito.

Paulo Freire

Um momento só, uma cidadania plena, esta pretensão política exige uma competência que implica a não dicotomia desta cidadania. Esta capacidade faz parte da competência de cada morador na cidade universitária. Por aí a gente vê como há muita gente morando na cidade universitária sem competência. Porque a sua compreensão da competência é de tal forma dicotomizada que em lugar de ficar especialista o cara vira "especialisticista". Você vê então o médico que só entende de olho, daqui a pouco a gente tem o médico que entende do olho esquerdo, quer dizer, porque ele só entende do olho, pode complicar a vida da gente... Você vê um soci-

ólogo que só entende de uma coisa, o antropólogo só entende de uma certa coisa, cada vez mais a gente está sabendo menos e pensando que está sabendo mais. A especialidade verdadeira implica necessariamente a generalidade aprofundada. Não há nenhuma verticalidade que não termine ampliando o horizonte. Se ela for verdadeira, toda inserção crítica vertical implica a ampliação do horizonte.

Márcio

Só um parênteses aí, quando você escolhe por área você escolhe o que fazer dentro da área e o engajamento fica para depois. Isso do ponto de vista de quem propõe as áreas é bem mais cômodo. Porque não se dá o engajamento no contexto de quem propôs. Se você escolhe um tema gerador, por exemplo, o engajamento decorre espontaneamente.

Paulo Freire

Lógico, porque o problema é concreto, real, o tema não é uma invencionice. Estou querendo dizer que através da especialização há uma tendência de distanciamento da realidade, e quanto mais você foge da realidade, mais você tende a cair em pensamentos absolutamente e preponderantemente abstratos dentro dos quais você guarda a idéia da realidade no conceito. Em certo momento a gente passa a bailar à música dos conceitos, é um desastre, e ainda especializaram isso! É engraçado, isso faz muita gente especializada em pensamento dialético que pensa formalmente; ele fala formalmente e dá uma aula formal sobre o que é pensamento dialético.

Carmen

Vou me referir ao pensamento do Márcio, e às indicações apresentadas pelo Paulo Freire. Usando o mesmo exemplo, por mais que a criação da área temática possa fazer com que se ultrapasse esse limite e envolva a cidade, não é assim tão simples.

Acho importante a gente se convencer dessa dificuldade, para não se fazer ilusões. Um exemplo claro: estou fazendo pós-graduação na UNICAMP, numa área de concentração com muita gente competente, que é a saúde coletiva. Só que quem dá toda a análise de políticas sociais é o pessoal da saúde mesmo. Não se chama ninguém do Instituto ao lado, que só faz isso, e em consequência, teria muito a nos dizer.

Márcio

Uma pergunta: a área de saúde coletiva, em pós-graduação, tem cursos próprios ou você tem que fazer vários certificados?

Carmen

Cursos próprios. No momento em que você coloca que isto é uma área, concordo apenas do ponto de vista estritamente operacional. Porque enquanto área de saúde coletiva, na cabeça de qualquer um de vocês, é claro que não se trata de uma questão específica do pessoal de saúde, mas que teria que ter a participação de profissionais de diversas áreas do conhecimento. Como não é isso que acontece, acho importante chamar a atenção para este ponto.

Posso dizer que aqui na PUCCAMP estamos pensando numa saída. Pretendemos trabalhar em cima dos três núcleos: saúde, habitação, educação. Estou colocando, repartindo a responsabilidade com

quem está aqui hoje, para que ajudem a gente a pensar... Por que? Porque a questão da estrutura pesa, e muito. Temos que aprender a trabalhar a estrutura. Não adianta pegar grandes idéias mirabolantes se a gente não consegue fazer com que isso passe para outros níveis. Como é que se vai trabalhar o Departamento de Pessoal, por exemplo, que nessa hora vai ter que mudar toda a folha de pagamentos, suponha... Como é que se vai trabalhar a cabeça do fulano, se faz trinta anos que já está naquela linha... E o funcionário que só sabe carimbar com aquele carimbo, não sabe pegar o outro do lado...

Então, tem horas que estrutura pesa, então acho que não é só quando se dá um salto qualitativo. Acho que a gente tem que trabalhar na operacionalização, e aí vai a vivência de todo mundo, não é um trabalho individual, não é um trabalho da Reitoria, não é um trabalho da Assessoria, é um trabalho de todo mundo que vive nessa Universidade, que ajude a como lidar com essa prática. Entendo muito bem o que o Paulo Freire colocou, essa questão do trabalho nas pequenas coisas é condição, se não a gente não avança.

Agora, pensando nisso, a pergunta que eu faço é a seguinte: A UNICAMP propõe, e eu penso que não é só a UNICAMP não, mas acho que é ótimo para PUCAMP agora, a formação de núcleos. Particularmente já vejo contradições seríssimas, acho importante que você coloque essas grandes contradições até para que a gente não corra nos mesmos erros.

Márcio

Você está me colocando em dificuldades. Eu queria dizer algumas coisas em relação à sua pri

meira parte. É o seguinte: não significa criar uma nova estrutura para um trabalho temático. O trabalho temático já existe, já existe ou podem existir vários trabalhos temáticos, aliás, é preferível que existam vários. Mas entre eles, existem determinados grupos que já dialogam, já interagem e têm mais facilidade do contato tanto ao nível intelectual quanto ao nível de amizade ou de relações fáceis de diálogo.

Esses deveriam se tornar, aos poucos, os verdadeiros núcleos, germes das áreas temáticas.

Carmen

Mas vão ter que se dispor a trabalhar a estrutura da Universidade também...

Márcio

Ah! Sem dúvida nenhuma. Mas eu digo que o seu medo me parecia mais um cuidado com a preparação de uma estrutura em primeiro lugar para atender à ordem existente. Assim você vai criar um outro sistema igual ao anterior que continua a limitar as realizações.

Carmen

Mas não vamos desprezar a estrutura.

Márcio

Não queremos desprezar a estrutura, ela tem que existir e deve existir a partir dos temas de interesse. E com esse tema de interesse vocês têm muito mais possibilidades de atuar interdisciplinamente, quando vocês vão para fora da Universidade, do que quando vocês ficam dentro dela. Dentro, vo

cês ficam nos "quarteirões" e a maneira de abalar os "quarteirões" é trazer de fora o que será feito dentro da Universidade. É até necessário estruturar o que vem de fora em outros padrões para os quais a Universidade não está habituada e dos quais muita gente tem medo. O perigo é a institucionalização inoportuna e desnecessária como uma vez houve no próprio instituto ao qual pertencio: As teses eram defendidas sem prévio exame. Então alguns professores adotaram o seguinte sistema: antes do aluno começar a redigir a tese, ele faria um seminário onde eram chamados basicamente os possíveis participantes da banca e várias outras pessoas, podendo todas estas participarem discutindo tanto o conteúdo do trabalho quanto a forma de redação para a tese. A coisa funcionou tão bem durante um determinado tempo, que alguém teve a péssima idéia de instituir oficialmente um seminário com um prazo de um ou dois meses antes da tese. Agora acontece que você vai para o seminário já fazendo parte da banca do seminário, assina o caderno de atas e um mês depois todos ouvem na tese, o mesmo fulano falando sobre as mesmas coisas. Institucionalizou-se um seminário que se tornou redundante, perdendo por completo o seu objetivo inicial.

Quanto aos núcleos, faço parte do Núcleo Interdisciplinar para a Melhoria do Ensino de Ciências onde está-se fazendo um esforço para que ele seja mais temático do que é. Tem havido vários entraves burocráticos e dificuldades, sobretudo por ele lidar com outras estruturas também complicadas como a Prefeitura.

Muitos dos núcleos têm cumprido com seus objetivos e mesmo induzido interessantes visões alternativas de Universidade. Outros infelizmente são núcleos criados já como uma área e não como um te-

ma. Não sendo temático não tem sentido sua existência enquanto núcleo porque ele não vai congrega gente dos vários quarteirões e sim de um só. O seu exemplo reforça o que eu disse, porque é o exemplo de um núcleo dentro da faculdade de medicina só, que não traz gente de fora.

Paulo de Tarso

Márcio, eu gostaria de te provocar um pouco sobre esse Núcleo de Estudos para Melhoria do Ensino da Ciência. O tema me parece ter sido escolhido "a priori"... Não é um tema que trabalha diretamente com o real, mas com um processo de mediação do real... Então, o grupo está preocupado com o ensino da ciência, mas ele não resolve o problema real concreto de um segmento da população, que experimenta dificuldades que se relacionam com o conhecimento da ciência...

Márcio

Eu estou nesse núcleo, mas ele não é o exemplo da proposta mencionada, embora procure ser temático em vários aspectos.

Paulo de Tarso

Não, não é o seu exemplo, eu sei...

Escolher grupos nessa faixa de mediação, e não de problemas, que são problemas do exterior, não resolve o problema... Talvez a contradição do Núcleo seja a de que ele não é verdadeiramente uma estrutura para colocar temas sociais; ele é uma estrutura para abordar temas da Universidade, da própria cidade universitária e não da cidade exterior. Pense um pouco: assuntos psicológicos, de ciências, assuntos estratégicos...

Márcio

Políticas públicas. Claro, nesse sentido respondendo à pergunta da Carminha que queria que eu dissesse como eu vejo os núcleos, acho que são um passo muito adiante porque por eles, pensa-se a Universidade também nas questões externas a ela. Talvez o núcleo fosse, como diz a própria Elza Berquó, o germe do que seria o futuro departamento da Universidade. Seria sem dúvida nenhuma, um departamento mais dinâmico e mais interdisciplinar do que os departamentos que existem atualmente. Mas não é a solução para articular esse tipo de atividade que vocês têm; eu acho que nisso vocês são, aqui em Campinas, muito mais pioneiros do que na UNICAMP com relação ao trabalho comunitário. Para articular ação externa com a estrutura curricular da Universidade, um núcleo como o da melhoria do ensino das ciências, por exemplo, tem tentado trabalhar nessa direção mas aparecem com a Prefeitura é a CAPES, uma série de problemas burocráticos e entraves que as duas costumam impor. Por questão de "marketing", e necessidade de termos que manter esses contatos para poder ter mais reconhecimento para a própria atividade acadêmica que as vezes é absurdamente mais reconhecida pelos cifrões concedidas pelas instituições financeiras. Infelizmente essa é outra contradição, de vez em quando a coisa chega ao auge e aí não dá mais para se suportar...

Eu tive o ano passado todo um projeto com a Prefeitura sacrificado, porque a CAPES me impôs uma série de obrigações burocráticas e fez um corte de verbas numa recondução do projeto. Isso simplesmente porque o PADCT começou a se associar com a CAPES e para mostrar papel a outros superiores burocráticos queriam mais relatórios. Eu fiz duas páginas, cortaram sessenta por cento

e então eu devolvi tudo.

Então o que acontece agora, é que eu bati em outra porta do ministério, que é a Secretaria de Ensino Superior e lá eles atenderam ao projeto. Onde se conclui: educação sem política é apenas uma questão de porta do ministério: Que absurdo!

Espero que a provocação do Paulo de Tarso tenha sido respondida.

Paulo de Tarso

Na verdade, estamos tentando refletir sobre isso, porque uma idéia boa como a idéia do núcleo talvez não seja ainda uma solução, mas, mesmo assim, nela é que vamos investir, porque aí parece estar um patamar...

Menos do que provocar, quis apenas colocar uma questão...

ENCERRAMENTO

Paulo de Tarso

Bem, devolvendo a palavra ao Paulo Freire, agora, parece que estamos encerrando... Apenas u na brincadeira, Paulo: estivemos falando em cidad, em "civitas"... mas, eu tenho a impressão de que importa ultrapassar a "civitas", para ganhar a "polis"...

Paulo Freire

Acho que, com esta, está encerrada a sessão!

UNIDADES UNIVERSITÁRIAS

I – INSTITUTOS

1. Instituto de Artes e Comunicações
2. Instituto de Ciências Biológicas
3. Instituto de Ciências Exatas
4. Instituto de Ciências Humanas
5. Instituto de Filosofia
6. Instituto de Letras
7. Instituto de Psicologia
8. Instituto de Teologia e Ciências Religiosas

II – FACULDADES

1. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
2. Faculdade de Biblioteconomia
3. Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas
4. Faculdade de Ciências Médicas
5. Faculdade de Ciências Tecnológicas
6. Faculdade de Direito
7. Faculdade de Educação
8. Faculdade de Educação Física
9. Faculdade de Enfermagem
10. Faculdade de Odontologia
11. Faculdade de Serviço Social

III – INSTITUIÇÕES COMPLEMENTARES

- a) Biblioteca Central
- b) Centro de Ensino
 - Colégio de Aplicação "Pio XII"
 - Colégio Comercial da Academia "São Luís"
- c) Centro de Processamento de Dados
- d) Museu Universitário